

APRESENTAÇÃO

A Alfa inicia o ano de 2017 com um número muito rico pela amplitude de temas dos artigos aqui publicados, representativos da diversidade de interesses e abordagens vigentes em nossa área. Sociedade, mídias, ideologia, interação, cognição, percepção, produção verbal, lexicografia, fonologia, história, sistema de escrita, temas e dimensões perpassadas pela linguagem e pelas línguas, estão presentes nas páginas que seguem.

Os dois primeiros artigos investigam aspectos da construção do significado tomando como perspectiva a concepção de linguagem como atividade sócio-historicamente situada. O texto de Guimarães e Moita Lopes trata do percurso de um texto viral, discutindo suas transformações, suas ressignificações como parte de processos complexos de expressão identitária veiculados em interações presenciais e via mídia social. Costa, por sua vez, pensa a relação entre as propostas do Círculo de Bakhtin e o pensamento marxista, tendo em conta o papel da noção de ideologia na visão bakhtiniana da linguagem. Para discutir e ilustrar o conceito de signo ideológico, o autor analisa a palavra *selfie*, como “índice de transformações contemporâneas”, demonstrando como “mudanças nas formas de produção” se correlacionam a mudanças nos processos interacionais e padrões de comportamento. Os dois trabalhos se aproximam em seu diálogo, menos ou mais direto, com a criação e a circulação linguageira nos/pelos meios digitais.

No terceiro artigo, Cruz aborda o papel da articulação de recursos verbais e gestuais na construção do espaço interacional. Destaca-se, assim, o papel da multimodalidade na produção do significado. O estudo se baseia na análise de excertos audiovisuais registrados com pessoas portadoras de Alzheimer; o olhar sobre um contexto de interação modificado pela patologia acaba por permitir um repensar de categorias e processos ligados à linguagem.

Os próximos quatro artigos representam um mergulho em diferentes aspectos da língua portuguesa. Berti se propõe a investigar o desenvolvimento da aquisição perceptivo-auditiva de contrastes fônicos do português brasileiro. O estudo se baseia em um experimento com crianças entre 4 e 5 anos, que levou a uma caracterização da gradualidade do processo em função da natureza dos sons (vocálicos ou não; presença ou ausência de certos traços). O trabalho de Vilarinho traz a proposta de elaboração de um “dicionário analógico informatizado de língua portuguesa”, discutindo sua base teórica (o conceito de analogia, a Teoria dos Protótipos e a Semântica de *Frames*) e apresentando o modelo metodológico concebido para sua realização.

Veloso discute as restrições de “palavridade” do português: qual é a condição mínima (CM), do ponto de vista da quantidade de material fonológico, para afirmar que uma cadeia fonética é palavra da língua? Para responder esse questionamento, o autor avalia empiricamente o processo de oralização de abreviações no português europeu contemporâneo, com resultados consistentes e originais. Por sua vez, Fonte traz novas luzes sobre a história do vocalismo átono na língua portuguesa. Assumindo os desafios do estudo de fenômenos fonético-fonológicos na dimensão histórica, a autora investiu na caracterização do alçamento de vogais médias átonas no português dos séculos XIII, XV e XVI, fornecendo um mapeamento detalhado do processo no período, em contraste com o quadro atual das variedades brasileira e europeia.

Este número se encerra com mais uma viagem ao passado, os séculos XVI a XIX, para vislumbrar a história das ideias linguísticas que circularam na Europa desse período a respeito, particularmente, do sistema de escrita chinesa. Barreto revisita o debate que ocupou o cenário europeu, concluindo o quanto as concepções de escrita desenvolvidas no ocidente devem às discussões (ainda inconclusas) em torno da escrita chinesa.

Pela diversidade de temas e abordagens, pela originalidade dos estudos, estamos certos de que a edição que aqui apresentamos será uma proveitosa leitura para todos.

Rosane de Andrade Berlinck